



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 145/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

FIM DA PRIMEIRA DÉCADA

Parece que foi ontem a virada, mas já transcorreu toda a primeira década do novo século!

Não gosto de falar em milênio; parece algo pretensioso, carregado de significados estranhos à História, que beiram o fim dos tempos. Fico na novidade do século que, em si, já é suficientemente densa de imprevisibilidade. E cumulada, também, de esperanças, onde quero assentar minha tela de perspectiva. Rejeito as hipóteses de destruição do planeta, embora admita, como provável mesmo, a ocorrência de calamidades climáticas necessárias, a meu ver, para chamar à razão os povos todos do mundo que adoram a divindade do consumo, na prática ou no anseio.

Mas é na política que quero fixar minha objetiva. E a política do mundo corre novamente num leito que deságua no confronto entre dois gigantes: os Estados Unidos e a China. Só que desta vez há um desequilíbrio claro de tendências: uma claramente ascendente e outra em declínio inelutável. Daí a diferença de sentimentos e atitudes: os Estados Unidos se debatem, como que enraivecidos, na exacerbação das políticas de segurança, no pessimismo econômico, na perda de referência do dólar como moeda mundial, enquanto a China espera com a sua milenar paciência, não tem pressa.

Barack Obama é o símbolo americano de uma renovação recuperadora de prestígio e de hegemonia pela via política, não só da força militar. E não é apenas dos Estados Unidos este símbolo mas do Ocidente como um todo, incluindo orientais como o Japão e Israel (ele ganhou o Nobel da Paz logo depois de eleito). E Obama, entretanto, que não está derrotado, claudica em meio a uma oposição feroz que finca raízes profundas naquele sentimento americano antigo, originário mesmo, de um liberalismo puro e eminentemente branco. A derrocada de Obama pode levar a uma larga perda de expectativas, e a uma corrida de salve-se quem puder, que seria a derrocada da Europa e de todo o Ocidente.

Do outro lado, a expectativa do Ocidente é de uma desestabilização política da China a qualquer momento, expectativa fundada na dificuldade crescente em conciliar a manutenção da política interna cerrada na disciplina ditada pelo Partido Comunista Chinês com um desenvolvimento cultural explosivo, com a formação de uma elite de graduação superior cada vez mais numerosa, exigente e influente. Faz sentido. A atribuição do Prêmio Nobel da Paz deste ano a um dissidente chinês é uma flagrante manifestação dessa expectativa ocidental.

A coesão política do Brasil, que encontrou seu caminho no desenvolvimento com justiça e ganhou um nível de autoestima sem precedente, deve oferecer-lhe, neste quadro internacional de flutuações e perplexidades, oportunidades jamais imaginadas de desempenho e influência mundial. E tudo parece indicar que se vai alçar a esse potencial de liderança logo ao início da terceira década do século, quando completará duzentos anos de independência como Nação. Como eu gostaria de “ver” esse cenário.

Bem, mas é interessante observar que a década termina com um fato que parece altamente significativo; quero me referir ao “caso” WikiLeaks. Ele levanta a evidência de questões novas, de natureza política, que vão sacudir profundamente a próxima década.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 145/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

A primeira e principal evidência é o embaraço cada vez mais atordoante dos sistemas políticos baseados no controle rigoroso dos comportamentos de oposição em face da proliferação de comunicações que fogem a este controle. A China é o exemplo mais notório desse desconforto: de um lado um estupendo desenvolvimento do setor de computação, a ponto de fabricar um supercomputador mais eficaz do que o melhor existente nos Estados Unidos; de outro as imposições de controle, cada vez mais desesperadas e insuficientes, sobre a utilização dessa formidável e democrática ferramenta de comunicação.

A segunda grande evidência diz respeito à evolução do sistema democrático. A democracia, depois de vários séculos de porfia, revoluções e restaurações, avanços e recuos por vezes inacreditavelmente cruéis, a democracia afinal se enraizou solidamente no mundo e não vai novamente ser demolida. Vai, sim, arrastar para o seu vórtice os países que ainda lhe resistem e abolir, naqueles em que já está implantada, processos tradicionais de exercício do poder que garantiam a posse exclusiva de informações estratégicas tidas como segredos de Estado. Transparência e participação ganharão, via internet, espaços antes tidos como impossíveis. Claro que, até a estabilização e institucionalização dos novos procedimentos, a democracia vai enfrentar crises que farão a alegria dos anarquistas. Mas ao fim e ao cabo vai progredir irresistivelmente em direção a formas institucionais de participação e transparência pela via eletrônica, que vão superar definitivamente o modelo liberal representativo clássico nascido na Inglaterra há mais de trezentos anos. E, quem sabe, o Brasil talvez esteja melhor preparado para essas novas etapas do que a maioria das outras nações, exatamente pela falta de rigor disciplinar na sociedade, e pela sua tradicional capacidade de transacionar em direção às mudanças, evitando confrontos diretos de grande violência. Veremos.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br